



Escapando da colonização

A independência brasileira não começou há 160 anos, com o grito de Dom Pedro I. Mesmo depois da queda do Império e da Proclamação da República continuamos colonizados por muitas décadas, ora por holandeses, franceses (não apenas os portugueses nos tiveram sob tutela) e até, de maneira discreta, por norte-americanos.

Colonizados estávamos quando um presidente dos Estados Unidos veio ao Brasil e nosso chanceler chegou a beijar sua mão, estendida para um formal cumprimento. Ou quando se admitia, sem a menor cerimônia, que tudo aquilo que era bom para os irmãos da América era ótimo por aqui.

O Brasil mudou — e quem há de esconder isso? Já não se pode ter a imagem de uma **bananas republic**, ou de um país pouco sério, como julgava De Gaulle. A dependência econômica dos bancos mundiais não deve ser considerada processo de colonização, porque da boa vontade dos banqueiros não somos os únicos a precisar.

Foi em 1960, no rápido governo de Jânio Quadros que o Brasil passou a assumir uma postura de independência, rompendo as barreiras continentais que até então estava contido. Em sete meses de desastrosa passagem pelo Palácio do Planalto Jânio teve seu lado positivo, que foi

a definição de uma política externa ousadamente independente.

Gracias à competência de seu chanceler, Jânio desafiou os Estados Unidos reatando diplomaticamente com a Rússia e até mesmo anunciando reconhecimento de Havana. Foi um gesto de independência que os norte-americanos nunca puderam sequer prever.

Se estava ou não bem-intencionado, o presidente Jânio é outro assunto, mas foi uma posição marcadamente afirmativa na América Latina isso foi, e até Paulo Maluf, o arquinimigo de Quadros, pode reconhecer, hoje.

Quando Jânio renunciou e Goulart pôde assumir o Palácio do Planalto, depois da experiência parlamentarista, San Tiago Dantas assumiu o cargo de chanceler e estava com a mesma disposição de Afonso Arinos, para quem a diplomacia não tinha fronteiras ideológicas, mesmo quando se procurava impor essas regras.

De 1960 a 1964 o Brasil ganhou respeito por uma política externa independente, reduzindo gradativamente a interferência dos Estados Unidos em suas decisões, até que, pouco mais de 10 anos depois, com o presidente Ernesto Geisel, ganhou mais fôlego, rompendo definitivamente com as barreiras que ainda podiam existir.

Menos de um ano depois de empossado Geisel simplesmente reconhecia o governo implantado por Agostinho Neto em Angola, declaradamente comunista, e como não bastasse, restabelecia relações com a China de Mao Tse Tung, caracterizando por um pragmatismo diplomático a independência política brasileira.

Em 1977 o presidente Geisel denunciou o acordo militar firmado com os Estados Unidos, em 1952, eliminando a tutela que procurava nos impor. A tal ponto que até mesmo o acordo nuclear celebrado com a Alemanha naquela mesma época procuraram, a todo custo desfazer, com manobras pouco recomendáveis na diplomacia, e que não chegaram a se conhecer publicamente.

Hoje, com o exemplo argentino, ficou provado que os Estados Unidos não podem ser um parceiro leal para se manter qualquer tipo de acordo, principalmente militar, e quando se pode contrariar seus interesses em política externa.

Não faz muito tempo e o Brasil, o país em que um chanceler beijava cerimiosamente a mão de um presidente norte-americano passava a ser devidamente colocado por outro ocupante da Casa Branca, Richard Nixon, para quem a América Latina seria conduzida por nós. (M.F.)